

AS REALIDADES EM MUDANÇA DA COOPERAÇÃO EM DEFESA DA UE

Página 2

A NATO NUMA NOVA ERA: MUDANÇAS GLOBAIS, DESAFIOS GLOBAIS

Página 3

EXTENSÃO DA NATO

Página 4

REPENSANDO A SOBERANIA ESTRATÉGICA

Página 4

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE

Página 5

DESTAQUES EURODEFENSE JOVEM- PORTUGAL

Página 6



REPENSANDO A SOBERANIA ESTRATÉGICA DA UE

“No novo ambiente de segurança, o objetivo principal da soberania estratégica deve ser proteger os Estados-membros da UE e afirmar os interesses europeus comuns. No futuro próximo, no entanto, a União continua confrontada com um dilema fundamental que só pode ser atenuado, mas não totalmente resolvido: na nova ordem de segurança de confronto da Europa, é provável que a sua dependência estratégica dos EUA cresça, enquanto os compromissos de aliança de longo prazo da América continuam cheios de pontos de interrogação. A soberania estratégica deve, portanto, incluir a busca da capacidade de defesa coletiva da Europa em estreita cooperação e coordenação entre a UE e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO)”. Esta é a opinião de Nicolai von Ondarza e de Marco Overhaus, respetivamente, diretor de Investigação e assistente sénior do Instituto Alemão para os Assuntos Internacionais e de Segurança (SWP), um dos maiores *Think tanks* da Europa. (ver artigo na página 4: [Repensando a Soberania Estratégica.](#))

A reflexão sobre este importante tema - que também está em curso no Centro de Estudos EuroDefense-Portugal - enquadra-se bem no debate sobre a autonomia estratégica da União Europeia, um conceito que é necessário clarificar e delimitar a partir de um nível de ambição claro que perspetive a UE como unidade política dotada de instrumentos comuns de ordem diplomática, informações, policial e militar, que lhe confirmam uma acrescida capacidade de intervenção autónoma.

A questão central desta análise aponta para a confirmação do pressuposto de que as alterações na ordem internacional, nomeadamente, a guerra na Ucrânia e o seu enorme impacto no espaço europeu a par de outros fatores de perturbação como a transição para um sistema multipolar marcado pela competição entre grandes potências, acarretam para a Europa a necessidade de ajustamentos estruturais e de alterações dos processos de decisão.

Afirmar a UE como um ator relevante e capaz de sustentar as suas posições, de defender os seus interesses e fazer valer os seus princípios e valores na ordem internacional pressupõe Instituições dotadas de liberdade de ação, capacidade de decisão e poder de intervenção por via de instrumentos efetivos.

Jean Monnet, pai fundador da União Europeia, dizia que "a Europa será forjada nas crises e será a soma das soluções adotadas para essas crises". A história tem provado que ele tinha razão e estará certo outra vez. Na verdade, tudo parece encaminhar-se para uma nova fase de transição e de aprofundamento político, ou seja, mais um passo na integração europeia, alargada aos domínios geoestratégico e energético, repensando a soberania comum.

António Figueiredo Lopes
Presidente

AS REALIDADES EM MUDANÇA DA COOPERAÇÃO EM DEFESA DA UE



Wilfried
Martens Centre
for European Studies



AS REALIDADES EM MUDANÇA DA COOPERAÇÃO EM DEFESA DA UE

O presidente do Conselho Europeu, Charles Michel, chamou 2022 “o ano da defesa europeia” (Herszenhorn 2021). Isso não é surpreendente, pois espera-se que a UE adote a nova (e esperançosamente ambiciosa) Bússola Estratégica para Segurança e Defesa para aprimorar e concretizar a ambição da União no domínio da política de segurança e defesa. Da mesma forma, a Presidência francesa do Conselho da União Europeia, que se realiza no primeiro semestre de 2022, colocou a segurança, a defesa e a “soberania europeia” no topo da sua agenda política (França, Presidência da UE 2022). Na primavera, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e o presidente francês, Emmanuel Macron, também copresidirão uma cúpula europeia sobre defesa para criar mais ímpeto para uma maior integração de defesa da UE. Os estudos sobre a

política de segurança e defesa da UE giram tradicionalmente em torno das características intergovernamentais do campo político (ver, por exemplo, Bergmann e Müller 2021). No entanto, nos últimos dois anos, o papel da Comissão Europeia foi aprimorado e transformado. O trabalho da Bússola Estratégica da UE e outras novas iniciativas podem fortalecer ainda mais o papel da Comissão na cooperação política de defesa da UE. No entanto, esta evolução também levanta questões sobre o papel político da Comissão, a responsabilidade democrática e política da União e o papel global da UE nos assuntos externos.



As realidades em mudança da cooperação em defesa da UE



DESENVOLVIMENTO HUMANO NA RÚSSIA DE PUTIN O que os dados nos dizem

[Ver mais](#)

Enquanto o Índice de Desenvolvimento Humano da ONU, que avalia o progresso no padrão de vida, saúde e educação, classifica a Rússia entre os países de “desenvolvimento humano muito alto”, outros dados sugerem uma realidade mais sutil. A Rússia passou do igualitarismo da era soviética a extremos de riqueza e pobreza. O crescimento econômico durante a primeira década sob a liderança de Vladimir Putin reduziu ligeiramente a distância entre ricos e pobres, mas a desigualdade ainda é maior do que na maioria dos países desenvolvidos. Fatores como corrupção e impostos baixos para os ricos exacerbam a diferença de renda. A saúde pública gratuita e um sistema educacional relativamente inclusivo aparentemente atenuam a desigualdade. No entanto, muitos hospitais estão mal equipados e as universidades lutam para se compararem com os seus colegas estrangeiros. Desde 2014 e a invasão da Crimeia, as condições de vida dos russos deterioraram-se. A guerra de agressão da Rússia à Ucrânia e a imposição de sanções ocidentais já estão sobrecarregando os membros mais pobres da sociedade russa, à medida que os preços aumentam e os produtos básicos começam a esgotar-se. O contrato social entre russos e Putin, muitas vezes considerado como aquele em que os cidadãos cedem certas liberdades e liberdades civis em troca de estabilidade e prosperidade, está agora sob tensão.



NEGOCIANDO COM SANGUE

[Ver mais](#)

A guerra da Rússia na Ucrânia

Apesar dos esforços intermitentes para negociar um cessar-fogo após várias semanas de combates brutais, a guerra da Rússia na Ucrânia está longe de ser resolvida. As teorias de relações internacionais que enquadram o combate como parte de um processo contínuo de barganha entre adversários ajudam a explicar o porquê.

Primeiro, cada lado vê o prêmio pelo qual estão lutando – a soberania ucraniana – como indivisível: há pouco espaço de barganha viável entre os objetivos maximalistas de mudança de regime de Moscou e a luta existencial de Kiev pela sobrevivência. Em segundo lugar, cada lado acredita que tem uma chance razoável de vitória graças a informações incompletas sobre as capacidades e determinação do outro lado. À medida que o combate entre a Rússia e a Ucrânia revela gradualmente essas informações ausentes, as expectativas podem convergir para um acordo aceitável.

No entanto, mesmo que a Rússia concorde com um cessar-fogo e uma retirada, é improvável que Putin abandone táticas não militares para alcançar seus objetivos políticos na Ucrânia.

A NATO NUMA NOVA ERA



A NATO NUMA NOVA ERA Mudanças Globais, Desafios Globais

O Papel da NATO na Segurança Cibernética Global

O que a guerra na Ucrânia diz sobre o poder cibernético ainda não está totalmente limpo da névoa da guerra. Muitos aspectos permanecem incertos, mas dada a imprevisibilidade do regime de Putin, o risco de uma escalada nas trocas cibernéticas hostis entre a Rússia e os estados da NATO permanece alto. O que está claro é que, a partir de 24 de fevereiro de 2022, vivemos em um mundo diferente no qual as ordens de segurança europeias e globais foram quebradas.

G | M | F O Papel da NATO na Segurança Cibernética Global

A NATO e a Rússia após a invasão da Ucrânia

Nas últimas sete décadas da história da NATO, a Rússia passou do centro da estratégia da NATO para a periferia e vice-versa. Com a guerra da Rússia na Ucrânia, a NATO deve retornar à sua missão original: defender os seus estados membros na Europa contra um adversário russo. Em grandes termos estratégicos, a Rússia e o seu relacionamento com a NATO permanecerão altamente conseqüentes. Mas as relações tornarão-se muito mais voláteis à medida que a guerra na Ucrânia continuar e a Rússia persistir nos seus esforços para desestabilizar a segurança euro-atlântica.

Os aliados que se preparam para a próxima cimeira em Madrid e um novo Conceito Estratégico devem repensar fundamentalmente a situação de segurança na Europa. Isso inclui abordar deficiências nas capacidades e repositonar a NATO ao longo do flanco oriental, evitando a escalada entre a NATO e a Rússia. Ao mesmo tempo, a NATO deve conciliar demandas concorrentes, especialmente aquelas enfrentadas pelo seu maior membro, os EUA, que continuarão a se concentrar-se fortemente no desafio colocado pela China.

G | M | F A NATO e a Rússia após a invasão da Ucrânia



SUBINDO A ESCADA

[Ver mais](#)

Como o Ocidente pode gerenciar a escalada na Ucrânia e além

A invasão da Ucrânia por Moscovo está transformando a arquitetura de segurança da Europa, bem como as prioridades estratégicas da NATO e a sua postura de defesa e dissuasão. A agressão implacável da Rússia e a resposta da NATO aumentam a possibilidade de escalada intencional ou inadvertida na Europa. Quer isto assuma a forma de conflito intensificado na Ucrânia, aumento da tensão em todo ou em partes do flanco oriental da NATO – da Ucrânia e do Mar Negro à região do Báltico e o Extremo Norte – ou em domínios não cinéticos, subliminares, compreender como esta dinâmica pode degradar a estabilidade transatlântica é crítica.



A GUERRA DA RÚSSIA NA UCRÂNIA Identidade, História e Conflito

[Ver mais](#)

A invasão da Ucrânia pela Rússia constitui a maior ameaça à paz e segurança na Europa desde o fim da Guerra Fria. Em 21 de fevereiro de 2022, o presidente russo Vladimir Putin fez um discurso bizarro e às vezes desequilibrado, apresentando uma longa lista de queixas como justificativa para a “operação militar especial” anunciada no dia seguinte. Embora essas queixas incluíssem a longa disputa sobre a expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e a forma da arquitetura de segurança pós-Guerra Fria na Europa, o discurso centrou-se em uma questão muito mais fundamental: a legitimidade da identidade ucraniana e próprio Estado. Refletia uma visão de mundo que Putin havia expressado há muito tempo, enfatizando a profunda unidade entre os eslavos orientais – russos, ucranianos e bielorrussos, que têm suas origens na comunidade medieval de Kiev Rus – e sugerindo que os estados modernos da Rússia, Ucrânia, e a Bielorrússia devem partilhar um destino político tanto hoje como no futuro. O corolário dessa visão é a afirmação de que identidades ucranianas e bielorrussas distintas são produto de manipulação estrangeira e que, hoje, o Ocidente está seguindo os passos dos rivais imperiais da Rússia ao usar a Ucrânia (e a Bielorrússia) como parte de um “anti- projeto da Rússia.”



PRAGMATISMO DE PRINCÍPIOS

O lugar da Europa num Oriente Médio multipolar

[Ver mais](#)

Um novo Médio Oriente está surgindo no contexto da decisão dos Estados Unidos de “dimensionar corretamente” a sua postura militar e diplomática, a crescente assertividade dos estados regionais e um maior envolvimento russo e chinês nos assuntos do Médio Oriente. Essas mudanças geopolíticas estão correndo a ascensão de longa data de Washington no Médio Oriente e criando uma nova ordem multipolar. Eles estão sendo acelerados pela guerra da Rússia na Ucrânia e intensificando a competição global entre grandes potências. Acostumada há muito tempo a mover-se no turbilhão dos Estados Unidos, a Europa agora enfrenta uma vizinhança do sul cada vez mais desafiadora e competitiva. A guerra na Ucrânia aumentou a competição por influência na região entre os estados europeus e os seus principais rivais estratégicos, Rússia e China. A invasão da Rússia também causou ondas de choque nos mercados globais de energia e alimentos, o que pode aprofundar as crises humanitárias num momento em que o Médio Oriente já está enfrentando um colapso económico generalizado e, em alguns casos, o fracasso do Estado. Isso pode ter efeitos indiretos em questões relacionadas à migração e ao terrorismo – dois desafios que há muito dominam as preocupações europeias na região.


[Ver mais](#)

A NATO condenou a guerra da Rússia à Ucrânia nos termos mais fortes possíveis e a chama de “a maior ameaça à segurança numa geração”. A Aliança apela à Rússia para que cesse imediatamente as hostilidades, retire todas as suas forças da Ucrânia e trabalhe para uma solução diplomática pacífica. Para evitar um confronto direto com a Rússia, a NATO deixou claro que não enviará forças para a Ucrânia, que não é membro da NATO, nem imporá uma zona de exclusão aérea sobre a Ucrânia. A entrega de armas e equipamentos à Ucrânia (por aliados individuais da NATO) e a imposição de sanções sem precedentes estão sendo organizadas predominantemente fora da estrutura da NATO. A fim de impedir novas agressões russas e tranquilizar os seus Aliados, a NATO reforçou substancialmente a sua própria postura de dissuasão, com grandes destacamentos de tropas e equipamento para o flanco oriental do território da Aliança.

Os altos e baixos na sorte da NATO não são novidade, e as previsões do fim da NATO são quase tão antigas quanto a própria Aliança. O que é notável não é o declínio da Aliança, mas sua longevidade. A NATO sobreviveu ao Pacto de Varsóvia por cerca de três décadas. Outras alianças da Guerra Fria – a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (SEATO) e a Organização Central do Tratado (CENTO) – passaram para a história no final da década de 1970. Tudo isso levanta a questão: por que a NATO persistiu quando outras alianças caíram no esquecimento? Já existe um excelente conhecimento que aborda essa questão. À medida que a NATO se aproxima de outro marco – a adoção do seu quarto Conceito Estratégico pós-Guerra Fria – vale a pena examinar a questão mais uma vez.


[Ver mais](#)

[Ver mais](#)

Narrativas e prioridades para a Europa após o ataque da Rússia à Ucrânia

A guerra de agressão russa contra a Ucrânia está forçando os europeus a uma ordem de segurança de confronto. Isso também torna a soberania estratégica europeia – em política de defesa, mas também em economia, tecnologia, política energética e quadro institucional – um objetivo mais significativo para a União Europeia (UE). Até agora, no entanto, uma narrativa central tem sido que a UE deve ser capaz de agir de forma autônoma sem os Estados Unidos (EUA). No novo ambiente de segurança, o objetivo principal da soberania estratégica deve ser proteger os Estados-membros da UE e afirmar os interesses europeus comuns. No futuro próximo, no entanto, a União continua confrontada com um dilema fundamental que só pode ser atenuado, mas não totalmente resolvido: na nova ordem de segurança de confronto da Europa, é provável que a sua dependência estratégica dos EUA cresça, enquanto os compromissos de aliança de longo prazo da América continuam cheios de pontos de interrogação. A soberania estratégica deve, portanto, incluir a busca da capacidade de defesa coletiva da Europa em estreita cooperação e coordenação com a UE e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO).


[Ver mais](#)

A relevância do esverdeamento das forças armadas

À medida que o esverdeamento varre os setores público e privado das sociedades, há um setor que foi indiscutivelmente deixado de fora: o militar. Há muito tempo se argumenta que quando vidas são colocadas em risco, outras preocupações tornam-se secundárias, incluindo a sua contribuição para as emissões globais de carbono de combustíveis fósseis que atualmente ainda alimentam a maior parte da mobilidade militar, infraestrutura e armamento. Além disso, uma grande parte de suas emissões é gerada por atividades no exterior não contabilizadas nos relatórios nacionais da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (UNFCCC) ou da política climática da UE. No entanto, reconhece-se que mais autonomia energética no campo, alcançada por meio de energias renováveis, poderia muito bem aumentar a eficácia operacional. Isso foi exposto pelos problemas de abastecimento de petróleo dos militares russos que operam na Ucrânia. Simultaneamente, a guerra expôs a vulnerabilidade estratégica da dependência da UE do petróleo e gás russos, exigindo intervenções drásticas para diversificar o fornecimento de energia e acelerar a transição de baixo carbono. Além disso, os níveis de consumo de carbono dos militares são atualmente incompatíveis com os ambiciosos objetivos de descarbonização da UE de -55% até 2030 e alcançar a neutralidade climática até 2050; uma meta firmemente consagrada na Lei Europeia do Clima. Além disso, novos investimentos nas forças armadas oferecem uma oportunidade para afastar as forças armadas do seu padrão de alto consumo de carbono.

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE



FUTURE SHOCKS 2022

Ver mais

Abordando os riscos e desenvolvendo capacidades para a Europa em um mundo contestado

A crise do coronavírus demonstrou não só que a União Europeia enfrenta vários riscos e que esses riscos dispares estão interligados, mas que a resposta a tais desafios para a União - mesmo em áreas em que a UE não tem competência explícita - é mais forte com a atuação conjunta da União e dos seus Estados-Membros. A guerra da Rússia contra a Ucrânia, mostra-nos não só o valor acrescentado de uma ação concertada da União, mas também a capacidade das instituições da UE e dos Estados-Membros para encontrarem soluções novas e eficazes para fazer face a grandes choques.

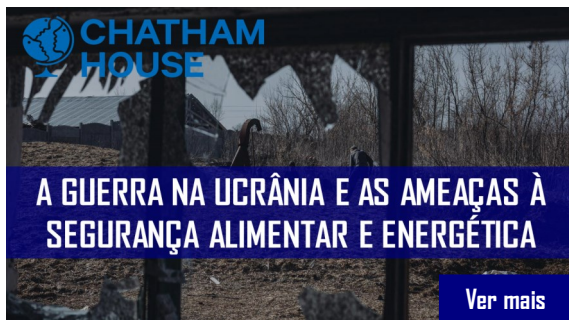


REGULANDO O FUTURO DIGITAL

Ver mais

Uma abordagem de centro-direita para ativos criptográficos e moedas digitais

As finanças digitais agora fazem parte do mainstream financeiro. Este documento fornece recomendações destinadas a tornar a UE um ator global mais forte em finanças digitais e moedas digitais. Também procura colocar o centro-direita como o principal motor desta mudança no quadro político europeu. Uma estrutura legal da UE cuidadosamente deliberada para ativos de criptomoedas é bem-vinda e necessária. A Europa deve estar no centro da revolução da moeda digital e o Banco Central Europeu deve acelerar o desenvolvimento de um "euro digital" como complemento às notas de euro tradicionais.



A GUERRA NA UCRÂNIA E AS AMEAÇAS À SEGURANÇA ALIMENTAR E ENERGÉTICA

Ver mais

Riscos em cascata de preços crescentes e interrupções no fornecimento

Os mercados globais de recursos ainda estão sofrendo com os impactos da invasão da Ucrânia pela Rússia; os dois países são grandes fornecedores de energia, alimentos e fertilizantes. A interrupção do fornecimento e a imposição repentina, em resposta à crise, de sanções económicas sem precedentes, restrições comerciais e intervenções políticas fizeram com que os preços das *commodities* disparassem. Antes do conflito, a demanda por recursos globais já excedia a oferta e elevava os preços à medida que as economias se recuperavam após a pandemia do COVID-19. Isso deu origem a uma crise global de custo de vida, caracterizada por níveis crescentes de pobreza energética e alimentar.



ANTECIPANDO E MITIGANDO OS EFEITOS COLATERAIS

Ver mais

O caminho para uma transição verde bem-sucedida na região euro-mediterrânica

Num contexto em que a segurança energética da UE está a ser significativamente colocada em risco, nomeadamente pela guerra travada pela Rússia contra a Ucrânia, e novos relatórios fazem soar o alarme sobre as ameaças de aceleração das alterações climáticas, o Pacto Verde Europeu é mais relevante do que nunca. No entanto, à medida que a UE procura externalizar a transição verde para a sua vizinhança meridional, muitas questões ainda não foram respondidas. Quais são as implicações políticas do Green Deal nas relações da UE com os países vizinhos do Sul? Como podem a UE e os países vizinhos meridionais tirar partido dos múltiplos canais de cooperação para garantir coletivamente uma transição verde bem sucedida na região euro-mediterrânica?



DEPENDÊNCIA NAS RELAÇÕES DA EUROPA COM A CHINA

Ver mais

Pesando Percepções e Realidade

A invasão da Ucrânia pela Rússia enviou ondas de choque em toda a Europa que provavelmente trarão mudanças profundas no continente. Entre suas muitas revelações, a eclosão da guerra forçou a Europa a ficar cara a cara com as suas dependências em setores estrategicamente importantes, como gás natural, metais críticos e agricultura. Ao mesmo tempo, este episódio também mostrou em termos muito claros que as sanções e as alavancas económicas de influência que derivam de interdependências económicas assimétricas agora desempenham um papel central no exercício do poder da Europa, particularmente em resposta à agressão armada. Talvez mais fundamentalmente, a invasão da Ucrânia pela Rússia parece demonstrar para muitos que a interdependência não é o baluarte contra o conflito armado que se acreditava ser.



TANQUES VERSUS BANCOS

Militares russos versus poder geo-económico da UE

Ver mais

A guerra é um instrumento de política. Aqueles que perdem de vista os objetivos políticos, ou continuam mudando-os, raramente se saem bem na guerra. A UE e os seus Estados-Membros (e a NATO) não estão diretamente envolvidos na guerra da Rússia contra a Ucrânia, mas desencadearam uma grande ofensiva geo-económica em resposta à jogada geopolítica de Putin. Eles também devem, portanto, definir objetivos precisos e preparar-se para o novo mundo geo-económico e geopolítico que inevitavelmente resultará desta guerra. As cadeias de abastecimento reencaminhadas criarão novos desafios e dependências; a instabilidade noutros Estados, como consequência das perturbações na economia global, pode também afetar indiretamente; as relações de longo prazo com a Rússia obviamente precisam ser reavaliadas, mas as relações com a China e a aliança com os EUA também estão evoluindo.

DESTAQUES EURODEFENSE JOVEM-PORTUGAL



Nas últimas semanas, a EuroDefense-Jovem dinamizou mais uma Tertúlia EDJ, no dia 6 de abril, sobre o "Pacto Europeu de Migração e Asilo", com a Professora Doutora Emellin de Oliveira.

Foi divulgado uma reflexão da Catarina Abreu de Pinho, membro da Direção EDJ, sobre o tema: "Estados-Membros da UE e da NATO e a Rússia de Putin".

A última tertúlia do mês foi sobre "Dependência Energética e Geopolítica Europeia", no dia 20 de abril, com o Coronel Eduardo Caetano de Sousa.

Foram também publicadas no website da EuroDefense-Portugal várias reflexões produzidas pelos nossos membros sobre as mais variadas temáticas, bem como a iniciativa do Diário da UE em formato podcast nas nossas redes sociais.



Rumo a uma agenda partilhada para a reforma da EU

As relações entre os estados membros do sul da Europa têm sido muitas vezes marcadas por uma cooperação frouxa ou, pior, por lógicas de competição. Precisamente quando os agrupamentos regionais dentro da UE estão cada vez mais moldando a agenda, essas dinâmicas têm dificultado a capacidade da França, Grécia, Itália, Portugal e Espanha de perseguir interesses e objetivos compartilhados, ao mesmo tempo em que atuam como uma força positiva para o projeto de integração europeia. Eventos recentes como a recuperação pós-pandemia ou a guerra na Ucrânia mostram que, quando a cooperação ocorre, resultados positivos podem ser alcançados.

Colaboração político-industrial em tecnologias estratégicas

A UE embarcou no caminho para uma maior autonomia estratégica, nomeadamente nas tecnologias digitais. Um número significativo de tecnologias digitais é essencial para a nossa economia, sociedade e democracia. Não é viável nem desejável que a UE se torne autossuficiente em cada uma delas. O nome do jogo é, portanto, trabalhar em parcerias ou alianças, seja com países de mentalidade semelhante ou globalmente. A Europa precisa de reunir apoio político e ecossistemas industriais em áreas tecnológicas chave e construir alianças tecnológicas de autonomia estratégica. Isso permitirá que a UE construa e sustente as capacidades, capacidades e controle necessários em áreas tecnológicas-chave.



Sete semanas de guerra russa em grande escala contra a Ucrânia provaram não apenas as piores suposições sobre a natureza do regime russo, mas também as vulnerabilidades da arquitetura de segurança regional e global, a inconsistência dos mecanismos jurídicos internacionais existentes e a impotência da ONU e a OSCE. A invasão russa tem reações iminentes não apenas para os atores regionais, mas para o mundo inteiro. Caso não sejam tratados imediatamente, podem comprometer e reverter as conquistas progressistas das últimas décadas.



As principais empresas da Europa estão altamente expostas à China e, portanto, ao risco geopolítico relacionado à China. Este risco só deverá aumentar nos próximos anos, uma vez que não se espera que as tensões geopolíticas entre a China, os EUA e a UE diminuam. Além disso, estudos mostram que algumas das maiores empresas listadas na Europa podem e devem oferecer aos investidores mais transparência nas suas estratégias de gerenciamento de risco. A inteligência sobre a China e a exposição ao risco geopolítico é fundamental para os investidores, e os que estão à frente da curva podem ter vantagem no longo prazo.



Rumo a uma Doutrina de Superioridade de Defesa

Os Estados Unidos abandonaram o pensamento antiquado que se concentrava em dissuadir as operações cibernéticas abaixo do limiar do conflito armado. Agora opta por uma nova doutrina de "engajamento persistente" no ciberespaço, que enfatiza as operações cibernéticas ofensivas para moldar o comportamento dos adversários. Em vez de seguir os passos dos EUA, a UE deve moldar o ciberespaço em um ambiente de superioridade de defesa, ajudando assim a prevenir ataques no nível de conflito armado e abaixo dele.